

“Se é para ousar, conte comigo! Essa é uma característica da instituição.”

Antes de começar, preciso dizer que estou muito orgulhosa de ser uma das pessoas a contar uma parte da história dessa Universidade. Acho essa oportunidade fantástica e muito importante numa época em que as memórias estão se perdendo... Um prédio você pode tombar, mas a história não se tomba – e um país sem história não é uma nação!

De qualquer maneira, estou aqui para falar em meu nome. Sou Helena Nader e completei 60 anos no dia 5 de novembro de 2007. Nasci em 1947, cidade de São Paulo, na Maternidade São Paulo, que já não existe mais. Quem fez meu parto foi o Dr. Cerutti, de uma família de médicos italianos.

Fui pequena para Curitiba, onde moramos por três anos. Lá comecei a estudar, fazendo a primeira série com seis anos. Fui obrigada a fazer também um quinto ano, porque não podia, pela lei, ir para o ginásio com dez anos. O ginásio já fiz em São Paulo, numa escola de freiras alemãs o Colégio Stella Maris, em Pinheiros, bairro em que eu morava. No colegial, talvez por ter sido uma aluna boa ou dedicada, fui para o Dante Alighieri, que abriu vaga para mim em regime de exceção.

Eu era uma pessoa estudiosa... Naquela época, ganhei durante quatro anos o prêmio Marina Cintra – que não sei se continua existindo – , entregue ao primeiro aluno de cada instituição, no Theatro Municipal. Era um auê! Por volta dos 13 ou 14 anos, recebi um desses prêmios das mãos do Ulisses Guimarães... Foi uma coisa muito marcante! Ainda tenho a fotografia da ocasião, que guardo com muito orgulho...

No terceiro ano de colegial, apliquei para o American Field Service e fiz o último ano nos Estados Unidos. Como naquela época não existia o intercâmbio formal, de poder ir para o exterior e na volta ter os créditos reconhecidos, foi necessário fazer uma série de exames para revalidação do diploma no Colégio Estadual de São Paulo, com o professor Trivinho. É um pedaço da minha história que se confunde com a história da cidade... Em seguida, fiz três meses de cursinho para Medicina.

Eu tinha me inscrito somente para o exame unificado do Cecem e me lembro de um fato que aconteceu... Para aqueles que foram aprovados nos exames escritos, existiam três provas práticas (Química, Biologia e Física), que eram aplicadas no Instituto de Química da USP. Comenta-se que, com tele objetivas gigantes, um determinado cursinho havia conseguido ver a montagem da prova de Física. Por isso, ficamos trancados horas até que o exame fosse refeito... Acabou sendo uma prova onde recebemos um conjunto de fichas, uma régua e uma série de questões envolvendo cálculos de probabilidades... Não estou brincando! Todos que fizeram esse vestibular se lembram.

Meu pai, Miguel Elias Nader, era formado em ciências contábeis e trabalhava na área de comércio. Ele começou na Isnard e depois foi para a Firestone, uma multinacional, chegando ao cargo de gerente geral de vendas para o Brasil – o que equivaleria hoje a uma diretoria executiva, numa época que ainda não havia os fantásticos salários de executivo. Não era alguém voltado à área de ciência ... Minha mãe fez o ginásio, e começou a trabalhar. Ela era auxiliar no consultório de um dentista, que foi meu padrinho. Depois que se casou, ficou só cuidando dos filhos... Costumo dizer que ela fez o Científico e o Clássico, porque minha irmã estudou Humanidades. Ela é advogada e eu

fiz Ciências Biomédicas na Unifesp. Somos só nós duas dentro de uma família pequena, mas muito ligada. Quando éramos adolescentes, tivemos um cachorro...

Não sei exatamente quando surgiu minha opção pelas Ciências Biomédicas... Vocação é um negócio esquisito! No final do quarto ano do ginásio – que para mim seria a nona série, porque tive um quinto ano obrigatório –, não sabia exatamente o que iria fazer e fui ao Instituto Sedes Sapientiae fazer todos aqueles testes vocacionais que não me disseram nada! Só que eu poderia fazer Engenharia, Medicina, mas que deveria cursar alguma coisa que me trouxesse desafios, porque eu gostava de estudar.

Quando fui para os Estados Unidos, comecei a ver mais a área biológica. Achei interessante e resolvi fazer Medicina. Inscrevi-me para o vestibular, que na época era o Cecem... A Santa Casa tinha um exame à parte e não me inscrevi. Coloquei como únicas opções a Pinheiros, a Escola Paulista em Medicina e a Escola Paulista no Curso Biomédico. Não pus nenhuma do interior, afinal, tinha acabado de chegar dos Estados Unidos e queria ficar na minha cidade!

Eu poderia, inclusive, ter ficado nos Estados Unidos... Devido à classificação em um daqueles exames nacionais que fiz durante o Senior High, ganhei bolsa para fazer universidade lá, com todas as despesas pagas... Mas não quis! Voltei! Isso foi na Pensilvânia, num subúrbio de Philadelphia... O pessoal me perguntava: “Ah, você não fica?”. Eu dizia: “Não! Sou brasileira! Quero voltar para o Brasil!”. Não me arrependo! Definitivamente, não! Não sei se fiz uma diferença aqui, mas acreditava que poderia fazê-lo, como acredito até hoje! Luto para mudar um pouco o Brasil. Acho que recebi muito dele e luto para dar um pouco daquilo que eu recebi. Estudei em colégios não-públicos, mas a universidade foi pública! Minha pós-graduação foi pública!

O pós-doc foi pago pelo governo americano, com bolsa do NIH. Foi quando recebi a segunda oferta para ficar lá. A terceira foi quando eu já estava casada com o Dietrich. Não me arrependo em nenhum momento! Adoro isso aqui! Acho que pude fazer coisas que, provavelmente, não conseguiria fazer lá. Claro que o pessoal fica dizendo que lá as ofertas são melhores, mas você não tem a liberdade para fazer a ciência que você quer, para montar as coisas do jeito que acredita... Isso, aqui, é fantástico! Realmente acredito nisso! Sou brasileira de nascimento, mas realmente me mantive brasileira por opção, porque oferta não faltou.

Não me arrependo mesmo, apesar de tudo o que estão fazendo com a gente... Você não pode se aposentar, porque seu salário vai te impedir de viver – e para quem faz a opção por D.E. isso é um peso! Vejo quanto vale o professor Dietrich, porque recebo uma parte da sua aposentadoria. Ele montou a pós-graduação da Escola Paulista de Medicina, formou muitas pessoas, tem um número extraordinário de citações e Deprime-me muito ver a situação que fica... Mas ainda acredito que vale a pena continuar, apesar dos sessenta anos!

Bem, voltando à época do vestibular, o que aconteceu é que chorei muito porque não entrei em Medicina! A nota teria dado para entrar em Ribeirão Preto, mas eu não tinha colocado... Foi um choro! Para mim, a vida tinha acabado! Eu havia acabado de chegar ao Brasil, era aquela confusão... E decidi fazer cursinho... Mas aconteceu uma coisa que não esqueço... Meu pai chegou para mim e falou: “Antes de você dizer que não quer, por que não começa e vê o que é o Curso Biomédico? Se você não gostar, você larga e faz cursinho para prestar Medicina”.

Aí eu comecei... Comecei e não consegui largar! A primeira e a segunda turma, que era a minha, tinham a opção de passar para a Medicina – e acho que o sucesso do curso foi comprovado exatamente aí, porque dos vinte e poucos estudantes, somente quatro se transferiram no final do quarto ano. A maioria optou, realmente, por Ciência! Isso é muito legal... Um curso totalmente louco, novo... “Qual profissão você terá?”. “Não sei!”. Hoje em dia, todo mundo quer saber de

profissão... Acho que é um erro do nosso sistema universitário: ser profissionalizante, e não de formação. A profissionalização é uma coisa *a posteriori*, de sindicato... Não deveria ser pedida da Universidade! Ela deve formar um bacharel, um licenciado, um *major* numa área... Mas aquilo, no começo do curso, era um peso. Todo mundo perguntava o que iríamos fazer da vida e a resposta era só uma: “Ciência”. “Como? Ciência?”. Foi interessante...

O curso era bem diferente do que é hoje... Na aula inaugural, com o professor Leal Prado, nós todos, no primeiro ano, estávamos naquela excitação! Ele entrou, com aquele jeito polêmico, olhou para a classe e começou a contar o que era o curso, qual a idéia, como foi montado, que aquele era um projeto que havia começado numa discussão na década de 50 e depois viabilizado; que tinha sido aprovado por unanimidade na congregação... Enfim, contou toda a história do Curso Biomédico para nós. Todo mundo ficou muito animado! De repente, ele olhou bem para a classe e disse: “Se dessa turma eu tirar um, já é um sucesso! Não estou preocupado! Basta um!”. Aí, todo mundo se sentiu meio mal... Normalmente, você levanta a bola da turma! Mas acho que talvez tenha sido um desafio, para todo mundo querer provar que era aquele “um”.

Da minha turma saíram muitas pessoas excelentes... A Regina Marcus, que é titular da Fisiologia da USP, farmacologista e atual presidente da Sociedade Brasileira de Farmacologia e Terapêutica Experimental... A Olga Célia Martinez, que é imunologista e pesquisadora senior do Instituto Butantan, o que equivale ao posto de titular... O João Massud, que passou para a Medicina, mas sempre ficou em pesquisa... A Clélia Maria Erwenne, que é Oftalmologista, fez Genética e tem a maior casuística mundial de retinoblastoma – um tumor relacionado a um gene supressor de tumor.....Ela ficou muitos anos no Hospital do Câncer e agora está aqui... Tem a Sima Katz, que é professora associada da histologia... O Luiz Roberto Britto, atual diretor do Instituto de Ciências Biomédicas da USP, professor titular de Fisiologia. Então...

Estou lembrando apenas de alguns, mas se formos olhar, essa lista vai, e olha que eu só falei dos meus colegas de turma... Por isso, acho que o Curso Biomédico foi um acerto! E isso me dá muito orgulho da antiga Escola Paulista de Medicina: ela ousava! Criou um negócio novo, que não estava dentro de nenhuma regra de conselho nacional de educação da época, no meio de uma ditadura militar... Nem gostaria de entrar no que foi a época da ditadura, porque magoa até hoje...

Tivemos professores muito perseguidos, colegas, gente que teve muito envolvimento... É o caso da irmã de uma professora nossa, a Heleneide Nazareth, que fundou a genética médica na nossa instituição... A irmã dela foi morta na época da ditadura, no congresso de Ibiúna... Até hoje não está dito que está morta... Faz parte da lista dos chamados “desaparecidos”, como vários outros... A Helenice também foi presa, torturada... Mas são histórias que eu não gostaria de abordar... Acho que, dessas, já tem muita gente falando... Quero falar de uma outra parte.

Também teve, aqui dentro da Unifesp, gente à paisana, permitido por diretorias, para saber o que se passava dentro da instituição. Isso é importante que se diga! Tinha gente que dedava o que ocorria e você não sabia quem era... Podia ter uma idéia, mas era difícil pois os caras entravam como se fosse via vestibular... O esquema dos militares, no sentido exato, durante a ditadura, foi muito bem montado! Aqui na Escola também teve – e teve pesado! É importante dizer que teve essa época, sim, na instituição!

Tivemos o presidente do Centro Acadêmico preso, torturado... O Arthur Beltrami Ribeiro, que também pode contar o outro lado da história, saiu vivo por coisas curiosas, interferências que foram girando: quem conhece quem, que chega no Fleury e consegue alguma coisa... É uma época muito triste e que prosseguiu... Já na época da pós-graduação –lembro que tínhamos um grupo formado pela Jandira Mansur, Carlini, Regina e Sérgio Stella, Marcos Pacheco Ferraz. A gente se reunia para, pelo menos, tentar fazer alguma coisa!

Foi nesse período que o governo proibiu a reunião da SPBC no Ceará. Estava tudo pronto, mas cortaram os recursos. Então, seria na USP. Já estávamos super articulados, porque estávamos mantendo a participação da Escola Paulista, que foi muito grande... O Ernst Hamburger passou a articular, porque a Física da USP sempre foi politicamente envolvida. Fizemos mil reuniões, esquematizamos, deixamos tudo pronto e o reitor bloqueou. Aceitou a imposição, mesmo tendo autonomia desde aquela época... Mas a PUC abriu as portas, e por isso eu tenho um carinho total com ela. Disseram: “Vai ser aqui. Aqui é território do Vaticano e ninguém pode entrar”. Eu me arrepio só de lembrar...

Então, a SBPC foi feita na PUC. Foi criado o cartaz da reunião do Galileu Galilei *E puor si Muove*... Tudo para essa reunião. Tenho esse cartaz até hoje, tanto que quando me lançaram para vice-presidente da SBPC, eu escrevi um texto curto sobre essa época, pois marcou minha vida... Marcou mesmo! O Caetano Veloso e o Chico Buarque vieram para ajudar, outros músicos também fizeram shows para angariar fundos... É inesquecível... A partir daí, a SBPC foi ficando muito mais política – e aí acabou havendo problema ao longo dos anos: o distanciamento das sociedades científicas. Cada grupo acabou montando um congresso e a reunião da SBPC acabou sendo mais um congresso político. Com a volta da democracia o caráter mais científico das reuniões foi resgatado....

Durante a graduação, teve várias figuras marcantes... Posso falar de algumas, mas provavelmente vou esquecer de outras. A professora **Ingrid Borg** foi uma dessas figuras; curiosamente no primeiro semestre do primeiro ano – em um curso que, depois, muita gente reclamava, mas que nossa turma amou: Química Analítica. Não dá para descrever o que ela judiou de nós! Mas no bom sentido... Nós entrávamos no laboratório cedinho e saíamos à noite. E ela fazia a gente estudar pelo Vogel, um livro complexo e difícil... Mas ela motivou muito aquela turma! Me marcou pela dedicação e pela exigência. Todo mundo queria aprender: ficava estudando, fazendo experimentos... O laboratório borbulhava de energia o dia todo! E ela foi uma das que me motivou a não sair para fazer o cursinho e o vestibular. A gente ficava ali, vendo se tinha sódio, se tinha potássio, fazendo verificação de íons, vendo se na chama iria aparecer a cor amarela ou laranja... Era uma loucura! Não esqueço! Ninguém brincava em serviço!

Aquele foi um curso biomédico oferecido por uma escola de Medicina. Hoje nós temos, mas na época não havia professores específicos para ele. Então, para oferecer as disciplinas, foi feito um convênio com a USP. Era tudo tão mais simples! Hoje você impõem muitas regras, mas naquele tempo era mais fácil. Quem deu Química Orgânica foi o professor Luciano, da Engenharia Química da Politécnica; Matemática era com o professor Cavezalli, que dava cálculo diferencial e integral na Politécnica; Física nós tínhamos com o Alberto, que era um engenheiro. Foi um curso que trouxe, por isso, um impacto fantástico para a Universidade! Tanto que ele assentou as bases para a pós-graduação moderna! Ela começou em 1970, mas desde 66 a instituição estava discutindo... Quem lê o projeto, os documentos sobre o curso biomédico, vê que não se fala somente em graduação, mas em graduação e pós-graduação. Era um projeto único, moderno e ousado para uma escola médica que, como pública, ainda era jovem – tinha dez ou quinze anos.

Sempre digo para meus estudantes: quero poder deixar aquilo que recebi. Fui privilegiada! Recebi das mãos dos fundadores uma instituição fantástica e tenho que correr muito para ficar à altura do que eles foram, porque é impressionante! A Escola Paulista de Medicina começa como privada. Depois de dez anos como pública, ela já ousa criando um curso que foi uma revolução, copiado em todo o país! O Instituto de Ciências Biomédicas da USP está montando, agora, um curso de Ciências Biomédicas, nos moldes do nosso – foi um curso diferente, com uma filosofia diferente. Então, os fundadores desta Escola sabiam enxergar o futuro!

Dra. Eline é outro exemplo disso! Eu nunca tive o conteúdo integral de Bioquímica, e pensava: “meu Deus, e agora, como é que a gente vai fazer?”. Ela dava todo o metabolismo, mas não a parte de estrutura. E dizia: “quem aprende a pensar bem sobre isso sabe se virar no resto”. E estava certa! Mas era pesado... Os monitores que nos davam aula – que na época não eram contratados –, como o Cláudio Sampaio e a Misako, são testemunhas. Era mais um laboratório em que ficávamos até dez ou onze horas da noite fazendo experimentos! Em tudo existia muito conteúdo experimental. Muito, muito! Coisa que eu acho que estamos perdendo... E acho que é ruim... O experimental é fundamental!

Outro que nos marcou e foi até patrono da nossa turma, em memória, foi o professor Nylceo Marques de Castro. Ele faleceu quando ainda éramos estudantes, mas ele participou ativamente da nossa formação, no primeiro ano, em um curso de Biologia Celular que era dado pela Hleneide e pela Joyce, com uma forte parte experimental. As conversas com ele eram fantásticas! Tanto que ele foi patrono e a esposa dele compareceu na nossa formatura. Também nos marcaram muito o professor Leal, o professor Paiva...

Do Dietrich eu nem deveria falar, pelos laços familiares, mas ele nos marcou muito pelo profissionalismo e seriedade com que montou essa pós-graduação, sem o devido reconhecimento pela instituição. Um dia alguém vai olhar e ver que foi ele quem coordenou todo o projeto para implantação da primeira pós-graduação. Talvez – e isso tem um pouco na Unifesp – por ser o estrangeiro. Ele era um estrangeiro! Embora médico, não era formado pela Unifesp, mas pela UERJ, e tinha acabado de vir para cá. Ele já era cidadão canadense, super estabelecido, professor associado aos 30 anos na Universidade no Canadá. Foi o primeiro DSC da Universidade e o terceiro do Canadá. Estava para se tornar professor titular, quando aos 32 anos, o Leal fez a proposta para ele voltar para o Brasil. Ele diz que teve o banzai, fez as malas e veio! É outro que diz que nunca se arrependeu!

Aqui, o Dietrich foi um migrante. Um imigrante, de duas formas: vinha do Canadá e não era nativo. Mas ele era Escola Paulista pra valer! Deu a alma pra essa instituição! E me marcou muito na pós-graduação. Muito, muito, muito! Pela visão, por aprender a pensar, a não correr atrás do que os outros já estão fazendo. Isso é uma coisa que ele ensinou para toda a escola dele, para todos os estudantes com quem teve contato – não só de pós, porque ele dava aulas na graduação. Ele sempre citava a frase do prof. Leloir, Nobel de Química, com quem fez parte em parte da sua formação. O Leloir, era médico, mas trabalha somente em pesquisada. Era jogador de pólo, tinha seu próprio cavalo... E dizia que o segredo do jogador de pólo não é correr para onde a bola está, mas para onde ela vai estar.

O Dietrich sempre dizia que nós, aqui, não deveríamos fazer exatamente o que estão fazendo no exterior – porque você perde. Dizia que tínhamos que usar aquilo que podemos fazer e o pessoal lá fora não pode! Trabalhar com criatividade! E lembrava que, aqui, a única coisa que nos é cobrada é produtividade, enquanto lá fora, não basta somente isso, é um pouco mais dirigido.

Eu e ele, realmente, tivemos uma interlocução científica muito grande, que andou ao lado de nossa relação pessoal... Foi assim com muita gente... Esse era o resultado de um convívio muito próximo, de pessoas que não tinham hora para sair dos laboratórios e irem para casa! A dedicação era intensa!

Lembro de uma situação, junto com a Regina Marcus em que tínhamos que fazer umas cinéticas enzimáticas. Como o espectrofotômetro que estávamos usando em sala de aula não dava a acurácia exata, o Cláudio e a Misako nos levaram para o laboratório e nos deixaram usar o equipamento de lá, que era o máximo! Era o DBG, da Beckman. E lá fomos nós fazer o experimento... Isso no segundo ano! Havia, realmente, aquela vontade de querer ensinar! Nós éramos pappicados mesmo

– e é por isso que acho que também temos que paparicar, cuidar dos nossos estudantes, pois afinal, se é somente para ler um livro texto, não há necessidade de nós, pois isso é uma coisa que todo mundo que passou no vestibular é capaz de fazer.

Dar aulas teóricas é um erro que estamos cometendo. É um tipo de aula que eu nunca tive! Os professores diziam: “pegue o livro, estude e venha para discussão”. Simplesmente assim! E ninguém me perguntou se eu sabia ler em inglês, porque se partia do pressuposto de que todos liam. Essa é uma história séria... História de muito trabalho... Eu não sou gênio. A Regina não é gênio. Nenhum de nós é – somos iguaizinhos. Acho, até, que pela própria modernidade os jovens de hoje são mais capacitados – têm recursos, sabem fazer muitas coisas que nós não sabíamos, têm as facilidades da computação... Mesmo assim, eles querem aulas teóricas!

Para o professor, esse tipo de aula também é mais fácil, claro. Muito mais simples. Claro que, cada vez, você monta uma aula diferente e introduz novidades – mas a essência está dada. E o estudante, ainda que saiba que não aprende desse jeito, também prefere... Infelizmente é isso o que tem acontecido e o que me faz achar que deve haver uma revolução no ensino outra vez.

O que me marcou eram os desafios dados para nós. Os professores realmente nos desafiavam! No meu primeiro ano, eu ajudava a dar aula para a Medicina. No terceiro, fui responsável, junto com a Regina, pelo curso de Bioquímica para a Enfermagem – e fui professora homenageada. No quarto, dei curso para a Medicina em um programa integrado de aulas práticas. Sou gênio? Não! Fui desafiada. Se partirmos do pressuposto de que a Universidade tem que ser muito mais, devemos retomar esses desafios.

No meu quarto ano de curso, procurei o Dr. Leal e disse que queria fazer Bioquímica. Ele me falou:

- Então você vai trabalhar com o professor Dietrich.
- Mas quem ele é?
- Ele está chegando...
- E com que ele trabalha?

Era toda a parte de açúcar! Foi ali que descobri que a Eline estava certa: embora sem ter tido a parte de estrutura de açúcares, fui capaz de estudar, entender e começar a trabalhar nesse tema...

Nessa época, no grupo do Dietrich, éramos Maria Eugênia, estudante de doutorado, e o Britto e eu, iniciação científica. Ainda no meu quarto ano de curso, tivemos nosso primeiro trabalho publicado, o que foi um auê na Escola! O resultado foi que, no ano seguinte, iniciei a pós-graduação.

Finalizei o doutorado direto em 1974, e fui a primeira doutora do curso Biomédico. A segunda foi a Maria Eugênia, por um dia de diferença, que era da primeira turma e também fez doutorado com o Dietrich. O primeiro MD/PhD foi o Paulo Mourão, que hoje é titular do Instituto de Bioquímica Médica da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Assim que terminei o doutorado, fui contratada como professora assistente em um concurso público. Em seguida, apliquei para a bolsa da Fogaty NIH, e ganhei. Pedi afastamento e fiquei na University of Southern California e no Veterans Administration Hospital, por um período de 1 ano 7 meses pagos pelo governo americano. Quando voltei, comecei a montar um grupo na área de heparina e glicobiologia de tumores, e fiquei na Unifesp.

Claro que é nesse momento que começa uma trajetória rigorosamente minha aqui dentro, mas sempre muito envolvida, principalmente com a graduação. Nunca fui de dar muitas aulas em pós... Na verdade, acho que, se você precisa dar aulas em uma pós-graduação, o projeto está com um

problema sério... Dediquei-me mesmo à formação inicial. Coordenei o curso de biologia molecular por muitos anos... Fomos, inclusive, a primeira instituição a colocar Biologia Molecular como matéria obrigatória para o curso médico, muito na frente dos outros! Isso foi em 1984 ou 1985... trabalhei intensamente em todas as reestruturações de cursos, em especial da Medicina.

Nesse último processo de reestruturação do curso médico e implantação do currículo nuclear coordenado pelo Durval, trabalhamos, discutimos muito... A reforma foi toda acordada. Trazíamos pessoas para discutir, enviamos questionários para todos os departamentos, disciplinas, docentes e médicos... Mandamos uma pergunta querendo saber o que eles acreditavam que seria importante transmitir para um aluno a fim de que ele soubesse como médico no sexto ano. Depois, tabulamos tudo. O trabalho foi uma loucura! Mas valeu a pena...

Na reforma da medicina, fizemos mudanças ousadas. Fui atrás de dinheiro e montei o Laboratório de Habilidades; criamos o Centro Alfa de Humanização em Saúde, que os estudantes amam... É um negócio diferente! Se é para ousar, conte comigo! Essa é uma característica da instituição.

Responsável é uma coisa que realmente sou... Se um professor diz que vai dar uma aula e não aparece, está morto comigo! Cobro mesmo! Até por isso, acredito que meu relacionamento com os estudantes foi bom... Claro que outro grupo me odiava, mas depois começou a me entender.

Isso aconteceu porque, quando estive como pró-reitora, o banho ficou restrito na Atlética, conforme dizia o código de ética. Cheguei a ir até próximo do metrô, para impedir que água suja fosse jogada em outros estudantes. Um dos que estavam com baldes falou “Professora, isso é uma tradição!”. Mas enquanto eles estão tentando jogar água, o calouro ou outro estudantes está atravessando rua correndo... Se é atropelado e morto, eu vou dizer para o pai e para a mãe que, devido à tradição, ele morreu? Claro que não! Tradição por tradição, continuaríamos jogando escravo para o leão comer e o romano aplaudir.

No começo, esse endurecimento causou uma guerra! Depois, eles entenderam... Chegamos a ter banhos que acabavam molhando gente que estava na fila do INPS, água em salas de aulas, em laboratórios, na biblioteca... Eu acredito que a liberdade de cada um não pode se sobrepor à liberdade do outro. Isso eu não admito! São valores morais e éticos que aprendi com meu pai e minha mãe – que, por sua vez, aprenderam com o pai e a mãe deles, migrantes que vieram para o Brasil no começo do século passado e eram visto como turcos, sendo na verdade sírio-libanês. Minha mãe, italiana. Ética é, realmente, uma coisa da qual não se pode prescindir.

No meu caso, nem ousadia. O que mais me marcou nessa instituição foi isso! Quem não ousa, não vive! Todas as pessoas que me marcaram eram ousadas... Não ficavam comprometidas com isso ou aquilo... Quando acreditavam em alguma coisa, o faziam.... E a Unifesp fez isso!

Todo mundo quer uma pós-graduação certinha, fechada, com o próprio umbigo – e olhe lá! O nosso primeiro programa de pós-graduação, o de Biologia Molecular começou e se manteve até hoje interdisciplinar. Hoje, infelizmente, muitos programas são muito voltados para especialidades. Lembro, que antes os programas da área médica eram voltados exclusivamente para titulação de mestres e doutores formados em medicina. Assim, muitos estudantes não médicos, foram orientados em projetos de pesquisa no programa de Biologia Molecular, por orientadores desses programas, como por exemplo, pelo Nestor, Daniel Sigulem, Durval, entre outros. Nessa época, havia uma visão de pós-graduação mais ampla, institucional.

Depois, passamos para a “pós do eu consigo mesmo”... O número de programas que temos hoje é exagerado! Antigamente não era... Pegando o histórico da Biologia Molecular, você vai ver que era

um guarda-chuva para muitas especialidades. Isso é ousar! Na época em que pessoas como o Dietrich ousaram, eu era uma simples estudante que cursava o resultado dessa ousadia...

Os novos programas que estão sendo propostos envolvem temas comuns com abordagens diversificadas, portanto multidisciplinares, acho que estamos retomando aquela prática inicial... Espero que de certo! De novo tenho que falar dos meus ancestrais, dos meus velhos, que disseram: “veja o que você está recebendo e o que vai deixar”. Então, é claro que estou tensa por causa dessa responsabilidade! E quero deixar não ali na Biologia Molecular – porque conseguir levar adiante aquele pedacinho é minha obrigação –, mas na instituição, que é muito maior! O que é que a instituição vai dar para os que estão chegando? O que fizemos até agora está ótimo, mas qual o novo desafio? Isto é que deve orientar nossas propostas!

Ainda tenho dez anos de trabalho antes de entrar na aposentadoria compulsória – que espero que passe para 75, para que eu possa ficar mais cinco. O desafio que terei a partir de agora é: como montar a excelência científica dentro dos novos *campi*? Vamos propor uma pós-graduação para educação que envolve várias áreas do conhecimento. Nosso sonho? queremos começar com nota 5 e doutorado! A Unifesp tem um grande desafio. Agora, quando estamos muito melhores, com professores sendo contratados somente com título de doutor, pós-doc, como conseguir fazer o que se fez em 1970? Esse é um desafio e acho fantástico que a Unifesp – e agora já não falo da Escola – tenha ido atrás dele.

Por outro lado, se alguém me perguntar se acho que a expansão deve continuar, vou dizer que, na minha visão, tem que parar! Tem que consolidar o que já foi feito! Fico com muito medo quando o contexto fica pulverizado, porque não somos muitos... Se nos concentrarmos no que já existe, a chance de dar certo é muito grande! A Unesp, por exemplo, tem locais de excelência fantásticos, mas está muito pulverizada e é difícil administrar desse jeito. A Unesp cresceu vertiginosamente, com *campi* em todos os cantos e nem todos estão bons. Por isso, acredito que devemos agora consolidar o que já está feito.

Para mim, o desafio é fazer uma pós-graduação diferente, que volte a ser como no exterior. Nos Estados Unidos e na Europa a pós-graduação é na instituição. Aqui, acho que não dá para fazer uma só – mas, pelo menos, podemos reduzir o número e centrar na real qualidade e qualificação. Nos novos *campi* vai ser mais fácil que aqui... Na Vila Clementino, precisaremos transformar os quarenta em cinco, seis ou oito programas... Todos aqui querem o “seu” programa – mas o programa não é “dele” ou “dela”. Não vamos levar para casa quando saírmos. Agora o desafio vai ser agregar os programas, porque o que está com nota maior não vai querer se associar com o que tem nota menor.

Sempre digo para meus estudantes que cada coisa que uso, aqui, não é minha. Não vou deixar de herança para a Julia. Tirando a cadeira em que eu sento – que realmente é minha e que dei de presente para o Dietrich, o restante é da instituição. Não é meu e eu não passo! Não são capitânias hereditárias! O problema do Brasil ainda é esse: a política até hoje é assim, de pai para filho! Tem capitania hereditária da família Sarney, mas quem disse que a filha dele é a melhor qualificada? Agora, no Rio, também tem o Maia com o Mainha... Tem a família da Bahia... Em São Paulo eu não conheço tantas capitânias. Não há uma geração de políticos que vem desde muito tempo... Na instituição não pode ser assim!

São trabalhos dos quais eu não posso e não quero fugir. Definitivamente. Fui convidada várias vezes para ir embora para a USP, em vários concursos... Cheguei a considerar, mas é um negócio gozado... Na verdade, se você pára para pensar, isso é um erro! No modelo americano, você circula muito pelas instituições. Aqui não... Mas essa fidelidade existe porque a Escola Paulista sempre me

deixou trabalhar e a Unifesp também. Existe política universitária, mas que nunca te impede de trabalhar, como em alguns lugares. Temos uma flexibilidade muito maior...

Mais do que as facilidades em termos de trabalho, falar dessa instituição é como falar de família... Faz parte da minha família! Minha filha diz que tem uma irmã mais velha e que às vezes é duro conviver com ela... Esse é o termo que a Julinha usa: uma irmã mais velha que compete pelo carinho. “A sorte é que ela tem o coração grande”, ela diz. Mas tem horas que a irmã mais velha é que ganha a disputa... Faz parte...

A Escola significa tudo o que aconteceu de sucesso na minha vida profissional... Devo a ela da mesma maneira que ao governo público, que me deu todas as condições para acontecer. É uma instituição que me deixou trilhar... Do mesmo modo como agradeço o pai e a mãe que tive, que nunca me bloquearam em nada, só me incentivaram – sou biomédica, inclusive, pelo conselho do meu pai, mesmo sem saber nada sobre o tema –, agradeço à Escola Paulista de Medicina por todas as chances que ela me deu!